

## **INSURGÊNCIA É COMPROMISSO, ARTE AFRO- TRAVESTI: CORPAS MEMÓRIAS E POSSIBILIDADES DE LETRAMENTOS E PEDAGOGIAS DESOBEDIENTES**

Amora Afeni Bomfim Moreira <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo emerge da urgência de um corpo que grita, uma corpa travesti, preta, órfã, nordestina por território experiencial, que se inscreve no campo da Educação como presença que rasura a lógica da neutralidade científica. A jornada da pesquisadora, marcada pela desumanização institucional na infância e pela violência, constitui a gênese desta investigação.

Assim, a pesquisa nasce da minha experiência, mas não se limita a ela. É sustentada no chão que piso: nas ruas, nas escolas, nos palcos e nas telas. O corpo-memória é assumido como o principal território epistêmico, mobilizando a escrevivência (EVARISTO, 2020) e a teoria como cura (hooks, 2019) como práticas fundamentais. A dissidência e o fascínio pela arte tornaram-se o motor desta busca por saberes não coloniais.

O problema central reside na invisibilidade e no epistemicídio sofrido por existências afro em dissidência no ambiente acadêmico e social, manifestando-se num contexto de violência sistêmica que historicamente posiciona corpos negros (cis e travestis) em desvantagem educacional, submetidos a uma "imagem de controle" (COLLINS, 2019a) que os estigmatiza e os destina à "deseducação" (hooks, 2022). O objetivo geral é compreender como as expressões artísticas de identidades trans e travestis negras contribuem para a construção de saberes que desafiam as narrativas hegemônicas.

Inspirei-me, ao ouvir pela primeira vez a história de Xica Manicongo, da qual sempre me senti muito afeiçoada e próxima, como se carregássemos uma lembrança memorial empregada no corpo, contudo, antes dela, houve duas sujeitas tão importantes quanto: Lacraia, uma artista travesti, negra, cantora de Funk, carioca e que nos anos 2000, dançava e enfeitiçava o olhar de crianças como eu ao meio-dia nas tardes de domingo na TV aberta brasileira.

No mesmo encontro existiu: "Vera Verão", uma referência que me provocou curiosidades. Curiosidades, de modo geral, foi a força motriz que carreguei durante os diversos momentos da minha vida, inquietações que me fizeram realizar minha primeira exposição em

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), [ataldamoreira01@gmail.com](mailto:ataldamoreira01@gmail.com). Projeto de Pesquisa em desenvolvimento, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

galeria de arte: “Galeria Paralella”, na qual fiz uma exposição chamada “PARA ALÉM DO LACRE”, no ano de dois mil e vinte dois, onde cada máscara era uma dessas figuras: - “Mar Nicongo” – que seria a representação plástica e artística histórica da icônica Xica Manicongo – , bem como, Vera 3.000 (três mil) era Vera Verão e “Vai, Lacraia” como “Lacraia”.

Defende-se que a arte, neste contexto, não é apenas expressão estética, mas um ato educativo, ético e histórico capaz de forjar uma Pedagogia Desobediente e fissurar o “Cistema” que nos mata e silencia a partir das tentativas de apagamento diário e ao longo da história.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, autoetnográfica e documental, alinhada às metodologias insurgentes. Recusa-se a separação cartesiana entre sujeito e objeto, assumindo o corpo da pesquisadora como território epistêmico por meio da Autoetnografia Dissidente e Insurgente (GEERTZ, 2015). A Sociopoética é utilizada como técnica sensível, mesclando arte e vida para analisar a materialidade da pesquisa, que inclui narrativas, imagens e produções audiovisuais de corpos referenciais. O tempo da pesquisa é concebido como contínuo e ancestral, e o percurso é fluido pela Pedagogia da Desobediência (ODARA, 2020), que nasce do enfrentamento às estruturas racistas, patriarcais e coloniais da educação. Inspirada em saberes africanos e diaspóricos, Odara (2020) propõe a desobediência como ato de reinventar as existências travestis e negras criando uma reterritorialização epistemológica. Trata-se de um convite para romper com a obediência epistêmica imposta pelas instituições e construir caminhos de ensino-aprendizagem baseados na escuta, no afeto e na ancestralidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A pesquisa se ancora em um robusto referencial teórico que articula as Epistemologias Decoloniais (QUIJANO, 2005; com colonialidade do poder, ser e saber, SEGATO, 2015), amplia essa crítica ao pensar a colonialidade de gênero, evidenciando que o patriarcado colonial destruiu sistemas de organização social não binários e coletivos, impondo a heteronormatividade como regime político de controle dos corpos. Já Oyèrónké Oyéwùmí (1997), em The Invention of Women, demonstra como o gênero, tal como compreendido no Ocidente, é uma categoria colonial, ausente nas cosmologias iorubás antes da colonização. A

imposição do binarismo de gênero, portanto, foi um instrumento de dominação e de apagamento das relações sociais baseadas em idade, linhagem e espiritualidade. OYEWÙMÍ, 1997).

O Feminismo Negro (CARNEIRO, 2003; COLLINS, 2019a) e a Teoria Queer (BUTLER, 2018; PRECIADO, 2014), reconhecendo o corpo negro e travesti como território de saber e resistência. O conceito de Transcestralidades – uma ancestralidade dissidente/afro-travesti, que nos coloca em diálogo com as que vieram antes e deram seus primeiros pontapés, atiraram as pedras iniciais, evocar figuras como Xica Manicongo, Lacraia e Vera Verão – é central, assim como a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019), que concebe o conhecimento como uma construção polifônica, produzida no cruzamento dos saberes de vida e acadêmicos. A crítica à colonialidade do saber e do gênero é fundamental, pois o sistema colonial-moderno impôs um esquema binário rígido, ignorando a transitividade de gênero em diversas culturas, incluindo as afrodiáspóricas (BENEVIDES, 2023).

A existência travesti negra, portanto, é um ato de desobediência epistêmica, onde a corporeidade negra atua como episteme que expande o escopo do corpo como lugar de produção de conhecimento e ação, ou seja, o corpo é visto como um lugar que, por si só, já carrega suas marcas performativas que constroem rasuras nas epistemologias dominantes que insistem em negligenciar o corpo como ferramenta/instrumento de resistência. (MARTINS, 2021).

A arte afrotravesti é, assim, um campo de criação política e estética que tensiona a colonialidade do ser e do saber, produzindo novas formas de existência e epistemologias (MOMBAÇA, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O percurso metodológico adotado, sendo performativo, desobediente e encruzilhado, não busca um desfecho definitivo, mas sim a possibilidade criativa que se movimenta entre a pedagogia, a arte e a vida. A pesquisa é um ato de forjar de uma travesti negra na academia, que se levanta em meio ao caos da cisnatividade científica, branco centrada e colonial, dos traumas e das inseguranças, abraçando a teoria como possibilidade de cura e de reexistir na necropolítica CIStemica. A dimensão pedagógica da arte é crucial: (DES)educar é também dançar, performar presenças e fabular outras possibilidades de existir/saberes e criar/ressignificar narrativas para corpos quem foram subalternizados e invisibilizados por pura estratégia política de um epistemicídio programado. Compreende-se que os nossos silêncios não nos salvarão e com isso, a pesquisa é uma forma de reconstruir e falar a partir da legitimidade de ser e estar no mundo. A metodologia se ancora em práticas que desconstroem

normatividades cisheterocoloniais, racializadas e eurocentradas, pois o corpo que escreve é um corpo político, de luta e de infinitas TRANSmutações, que subverte a mortalidade inscrita em corpos negros e travestis no território que mais nos mata e, paradoxalmente, mais nos assiste. Insurgência é compromisso.

**Palavras Chaves:** Arte afrotravesti, Pedagogia insurgente, Epistemologias decoloniais.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

Bueno, W. de C. (2020). **Imagens de Controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk.

BUTLER, Judith. **Desfazer o gênero**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

DE OLIVEIRA, Megg. **Por que você não me abraça**. Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. SUR, v. 15, n. 28, p. 167-179, 2018.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação.** Salvador: Editora Devires, 2020.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. A** colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. CLACSO, 2005.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos.** Buenos Aires: Prometeo, 2015.

VITORINO, Castiel. **Quando o Sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude.** Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.